



ACESSIBILIDADE PARA SURDOS EM AMBIENTES ARTÍSTICO-CULTURAIS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FLIPELÔ- 2021

Ma. Irzyane dos Santos Cazumbá¹

Dra. Jaciete Barbosa dos Santos²

Dra. Sandra Regina Rosa Farias³

¹ Docente da Universidade do Estado da Bahia. Mestranda do Programa de Pós-graduação e Educação e Contemporaneidade (PPGEduc) da Universidade do Estado da Bahia. Especialista em Língua Brasileira de Sinais pelo Centro Universitário Internacional de Pós-Graduação. Graduada em Licenciatura em Letras/Libras. Desenvolve pesquisa na área de acessibilidade nos meios artísticos de Salvador para pessoas surdas; Membro do Grupo de Estudo Inclusão e Sociedade, Linha 1- PPGEduc; Membro do Grupo de Pesquisa e Extensão Acessibilidade e Arte- GA&A; Tradutora e intérprete de Língua de Sinais e Português -TILSP certificada pelo MEC /PROLIBRAS; Lê e compreende Espanhol. Universidade do Estado da Bahia - UNEB – DEDC Salvador/Bahia. <http://lattes.cnpq.br/9163251218535414>

² Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus I - Salvador/BA). Docente do Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC/UNEB). Doutora em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc, 2009-2013), com Estágio Científico Avançado de Pós-Doutoramento no Instituto de Ciências Sociais (ICS), da Universidade do Minho (UMinho), no quadro do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), desenvolvendo o projeto ?Violência e bullying em relação aos alunos com deficiência no contexto da educação inclusiva do Brasil/Bahia e de Portugal?(2019/2021). Mestre em Educação Especial (UEFS/CELAEE, 1999-2002). Especialista em Leitura (PUC/RJ, 1996-1997), especialista em Supervisão Escolar (UEFS, 1996) e especialista em Alfabetização (IAT/FACED, 1994-1995). Graduada em Pedagogia (UEFS, 1988-1992). Atua na formação inicial e continuada de professores na área da Educação, com ênfase em EDUCAÇÃO INCLUSIVA, com foco nas seguintes temáticas: inclusão educacional, direitos humanos, educação especial; preconceito, violência escolar, formação, universidade, deficiência intelectual e formação. Líder e Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Inclusão e Sociedade, vinculado a Linha 1 do PPGEduc. Atualmente coordena a Secretaria de Acessibilidade e Inclusão da UNEB (SAIN, 2022) e coordena, no Estado da Bahia, a reaplicação da pesquisa Inclusão Profissional de Pessoas com Deficiência e Qualidade de Vida, de autoria do Prof. Dr. Carlos Gil Correia Veloso da Veiga da Universidade do Minho, em Portugal (UMinho /PT) e a pesquisa Violência contra pessoas com deficiência intelectual, de autoria do Prof. Dr. José Leon Crochík (USP). Tem formação em Educação Sistemática e Comunicação Não Violenta e coordena o projeto de extensão Observatório de Educação: Violência, inclusão e direitos humanos da UNEB e conta com a publicação de livros e artigos referentes às temáticas com as quais tem atuado na condição de docente e pesquisadora. É Associada da Red Internacional de Investigadores y Participantes sobre Inclusión Educativa y Social (RIIE), UNAM, México. Universidade do Estado da Bahia - UNEB – DEDC Salvador/Bahia. <http://lattes.cnpq.br/4465929888204182>

³ Pós Doc em Educação pela UFBA. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, com o tema Audiodescrição e a Linguagem Cinematográfica: um estudo de caso do filme Atrás das Nuvens. Profa. Titular na Universidade do Estado da Bahia. Coordenadora do Núcleo de Educação Especial NEDE/ UNEB. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Acessibilidade Arte - GAA/ UNEB. Coordenadora de Acessibilidade, da Diretoria de Museus - Dimus. Foi membro do Grupo de Pesquisa em Tradução Audiovisual - TRAMAD/ UFBA desde seu início 2005 até sua finalização, em 2020. Desenvolve pesquisas na área da audiodescrição e acessibilidade nas artes e também realiza assessoria e trabalhos profissionais com audiodescrição e acessibilidade artística (exposições; audiovisual; teatro; museus, espaços culturais). Produz o programa de audiodescrição, Arte Descrita Palavras para Imagens, para a Rádio Nova da Língua Portuguesa - RNLP. Atua principalmente nos seguintes temas: audiodescrição; acessibilidade nas artes/ cultura e metodologia da pesquisa. Universidade do Estado da Bahia - UNEB – DEDC. Salvador/Bahia. <http://lattes.cnpq.br/5792517398457938>



RESUMO

A participação das pessoas surdas nos espaços artístico-culturais é uma temática que emerge na contemporaneidade, mediante as inúmeras leis e documentos que asseguram os direitos de inclusão e acessibilidade a esse público, mas que porém ainda não consegue assegurar esses direitos em todos os ambientes das artes. Contudo, vivenciando esse processo de ter o direito, mas não encontrar os profissionais Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS), para oferta da acessibilidade linguística, encontram-se os surdos falantes da Libras. Assim, o presente artigo objetiva apresentar algumas reflexões advindas da dissertação de mestrado que possui como tema acessibilidade para surdos em ambientes artístico-culturais: um estudo de caso sobre a FLIPELÔ - 2021. Para construção teórica, faz-se uso das obras literárias, tais como: Quadros (1997/2004), Strobel (2008), Skliar (1998), Perlin (2008). São trazidas algumas proposições elaboradas pelos usuários dos serviços de acessibilidade dos ambientes artístico-culturais da FLIPELÔ.

Palavras-chave: Acessibilidade linguística; Surdos; Ambientes artístico-culturais.

ABSTRACT

The participation of deaf people in cultural-artistic spaces is a theme that emerges in contemporary times, through the numerous laws and documents that guarantee the rights of inclusion and accessibility to this public, but which, however, still cannot guarantee these rights in all environments of the Art. However, experiencing this process of having the right, but not finding professional Sign Language Interpreter Translators (TILS), to offer linguistic accessibility, there are the deaf speakers of Libras. Thus, this article aims to present some reflections arising from the master's thesis whose theme is accessibility for the deaf in artistic-cultural environments: a case study on FLIPELÔ - 2021. For theoretical construction, literary works are used, such as such as: Quadros (1997/2004), Strobel (2008), Skliar (1998), Perlin (2008). Some propositions elaborated by the users of the accessibility services of FLIPELÔ's cultural-artistic environments are presented.

Keywords: Linguistic accessibility; Deaf; Cultural-artistic environments.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva apresentar reflexões e resultados da pesquisa de mestrado sobre a acessibilidade aos surdos, falantes da Libras, à Festa Literária Internacional do Pelourinho, edição 2021. Inicialmente, pontuar para quem são direcionadas essa acessibilidade e os profissionais tradutores/intérpretes desse idioma. Seguidamente, apresentar algumas mudanças estruturais na busca da inclusão aos surdos nos espaços artístico-culturais. Logo após, expor algumas proposições sugeridas pelos sujeitos surdos a fim de contribuir com o sucesso do serviço ofertado. E por fim, tecer algumas considerações sobre os resultados da pesquisa.



Pessoa surda: definições e construções a respeito desse “outro” de quem se fala

Muitas nomenclaturas foram direcionadas à pessoa surda ao longo dos anos, construindo estereótipos, de formas negligentes e até grosseiras, tais como: surdinho, mudinho, surdo-mudo, deficiente auditivo, entre outras. Essas construções são embasadas em pensamentos da normalização, no qual o diferente precisa ser adequado ao dito normal. Afinal o que é “normal”? Definir o que é normal ou anormal não diz respeito apenas às questões biológicas, mas principalmente às sociais. Para Canguilhem (1995), nas palavras de Santana (2007, p. 23):

O anormal não é o ser humano destituído de norma, e sim aquele que possui características diferentes e não faz parte da média considerada normal, que segue as normas estabelecidas socialmente. Características individuais distintas do esperado não são bem-vistas. [...] quanto clínico, em que de fato é feito uma “cisão”, referendada por uma “autoridade”, faz com que o indivíduo deixe de pertencer ao normal para integrar o patológico. (CANGUILHEM, 1995 apud SANTANA, 2007 p. 23)

Neste caso, todos os indivíduos devem seguir um padrão social, para serem considerados normais e, a partir desta visão, a pessoa surda não falante da língua oral é considerada não normal. Mas quem detém esse poder de classificar outros indivíduos? Quem autoriza essa classificação? Quais são os pressupostos a serem analisados para que um ser humano exclua outro ser humano da linha da normalidade?

Moura (2000) afirma que o desconhecimento sobre determinados debates gera preconceito, negligência e convencionalismo. Muitas são as discussões em torno da pessoa surda, sempre com o viés de dicotomia: normal ou patológico, deficiência ou diferença, inclusão ou exclusão, todas elas construídas e escritas, principalmente, por pessoas ouvintes, integrantes ou não, das comunidades surdas⁴. Pensando no lugar de fala, elucidado por Ribeiro (2017), desses sujeitos, trarei alguns dos principais autores surdos para reflexões sobre suas colocações.

⁴ “Entende-se que a Comunidade Surda não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes - membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros - que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização”. (STROBEL, 2008, p. 31).



A vertente socioantropológica é aquela na qual os Estudos Surdos se referenciam para o desenvolvimento das pesquisas na área da cultura, identidade e língua. Nesta visão, os surdos afirmam suas características de pessoas que se relacionam com o mundo a partir das experiências visuais que se diferenciam das experiências auditivas dos ouvintes. Segundo Perlin e Miranda (2003, p. 218), a experiência visual.

Significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.

De acordo com Strobel (2009), os sujeitos surdos vivem à margem da sociedade, pois comungam de uma língua e cultura diferente da hegemônica dos ouvintes, e essas especificidades podem ser fortemente apresentadas nos artefatos linguísticos, culturais, de comportamento e de valores. A autora salienta que, hoje, na contemporaneidade, há pessoas que desconhecem e espantam-se ao tratarem do tema cultura surda. De modo geral, a sociedade ainda desconhece quem são os surdos, e, portanto, elabora uma visão equivocada sobre esses sujeitos.

[...] os sujeitos ouvintes não conhecem ou não compreendem realmente a cultura surda ou não aceitam a cultura surda? Na realidade, o problema não são os sujeitos surdos, não são as identidades surdas, nem a língua de sinais e sim as representações estereotipadas e hegemônicas sobre a cultura surda. (STROBEL, 2009, p. 107)

O conjunto de valores que compõe a cultura surda, ainda, é pouco acessado por grande parte da sociedade, a saber: língua, ideias, crenças, costumes e hábitos das pessoas surdas. Segundo a mesma autora, cultura surda é descrita como o “[...] jeito do surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável” (STROBEL, 2009, p.29). Nesse intuito de esclarecer as pessoas ouvintes em relação às pessoas surdas, nós, integrantes ouvintes da comunidade surda, devemos contribuir com esclarecimentos e informações a favor da acessibilidade em todos os ambientes da sociedade.

Outra autora surda, que traz muitas contribuições para as pesquisas sobre às comunidades surdas, Gladis Perlin (1998), professora surda e doutora em Educação, com vasta experiência nas áreas que abordam temas como: surdos,



identidade, alteridade, diferença, cultura, entre outros, no seu artigo “Identidades Surdas”, publicado em Skliar (1998), contando que para sua pesquisa de mestrado teve que desaprender grande parte das suposições que eram formuladas a respeito do ser surdo.

Em outra construção, Perlin se expressa juntamente com Miranda, professor surdo e doutor em Educação, no texto “Surdos: o narrar e a política” (2003), no qual os autores apresentam:

Ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual (...). Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela Língua de Sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. (PERLIN e MIRANDA, 2003, p. 218)

Sendo assim, após todas essas colocações, elucidadas por pessoas surdas, estudiosas, pesquisadoras, militantes e vinculadas a vertente socioantropológica, a qual também comungo, como pesquisadora, sobre as necessidades e lutas das pessoas surdas no Brasil e no mundo.

O tradutor/intérprete de línguas, afinal quem é esse profissional?

Para o ato de traduzir e/ou interpretar de uma língua fonte para uma língua alvo, com objetivo de comunicação entre pessoas, povos ou nações, entre culturas e valores, é preciso pensar e adequar sinônimos, campos semânticos, metáforas, anedotas, valores subjetivos, sem perder de vista a intencionalidade de quem informa, já que todo ato de interpretar e/ou traduzir passa pelas escolhas do profissional em ação. Dessa forma é possível que um segundo profissional venha ter outro olhar ou acréscimos diante do mesmo material a ser traduzido, abrindo brechas para várias possibilidades em busca de uma perfeição que não existe. Neste sentido, Magalhães (2007, p. 170) destacar que:

Traduzir é sempre um exercício imperfeito, em que tentamos transpor para outro universo semântico, ideias e sentimentos que não são nossos. Num tal processo, o resultado será sempre alvo potencial de censura e dissenso. Na tradução, fazemos mais do que simplesmente buscar sinônimos. Somos forçados a interpretar, a intuir o sentido de passagens por vezes dúbias. Fazemos escolhas a todo momento. Elege-mos. Tomamos decisões. E com isso, naturalmente, nos arriscamos ao erro.



O ato de traduzir estará sempre ligado ao profissional que executa a ação. Ser tradutor perpassa por escolhas pessoais dentro de um universo linguístico que é diverso, pessoal e particular. Dificilmente dois tradutores irão fazer a mesma construção diante do mesmo texto, o que não significa que um esteja correto e o outro errado, porém o que na tradução existem diferentes possibilidades.

Essa é uma atividade com registros longínquos, contudo de acordo com o texto de Pagura (2003) é possível encontrar um breve histórico da prática de tradução e/ou interpretação desde a antiguidade até os dias atuais no trabalho desses profissionais. O autor destaca que o registro mais antigo encontra-se no terceiro milênio antes de Cristo, em um hieróglifo egípcio, em que é mencionado um intérprete. Esses profissionais são mencionados também na Idade Média, Antiga Grécia, Império Romano, nas Cruzadas, Idade Moderna, em encontros diplomáticos e nas explorações das Américas, na qual havia a preocupação de se ter um falante de outras línguas na tripulação para comunicação com os novos povos, ainda que as línguas faladas nas novas terras fossem desconhecidas, entre outras situações.

É notória a importância da presença desse profissional quando o objetivo é estabelecer comunicação com falantes de línguas distintas, porém esse não é um ato de fácil realização, já que exige do profissional, conhecimentos que vão além do uso do idioma, como é destacado por Araújo (2013, p. 35):

Pensando na grande importância que uma língua tem para um povo, percebemos quão grande é a responsabilidade do intérprete que irá transpor mensagens de uma língua para outra. Este intérprete terá de desenvolver não apenas uma competência linguística, ou seja, a fluência nas duas línguas com as quais trabalha, mas também a competência tradutória e cultural.

Sendo assim, para que esse processo seja de qualidade o profissional empregará grandes esforços cognitivos e linguísticos, como: atenção, memória, percepção, conhecimento das estruturas das frases, metáforas e valores culturais. Quadros (2007, p. 27) destaca que:

Para realizar essa ação o intérprete deverá conhecer as especificidades da língua fonte e da língua alvo, pois durante a sua interpretação ele fará escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte.



Essas construções linguísticas são iguais para os tradutores/intérpretes de línguas orais e de línguas de sinais (TILS), já que o único aspecto que difere é a modalidade das línguas (oral-auditiva e viso-espacial), nos demais aspectos o trabalho dos dois tipos de profissionais será semelhante. Importante ressaltar que todos os idiomas possuem especificidades, no caso das línguas de sinais, é válido destacar as expressões não-manuais (expressões faciais e corporais) que são determinantes nas construções semânticas e sintáticas⁵.

Na esfera artístico-cultural, além de todas as demandas linguísticas já mencionadas, o TILS terá o desafio de trabalhar os elementos estéticos através de escolhas lexicais que ultrapassem a formalidade, precisará desenvolver muito bem o uso da performance, expressões faciais e corporais mais marcantes, já que essa é uma esfera em que são usadas múltiplas linguagens. Corroborando com essa discussão Alcântara (2021, p. 93) destaca que “O lugar do tradutor deve ser entendido como participante do elenco, dos ensaios, de toda a preparação física para a apresentação, permitindo sua interação e criação [...]”.

Estando a par dos textos, ensaios, espaços em que atuam, os TILSs podem se preparar com antecedência, realizando estudos sobre temas que são abordados, pensar nas performances que são necessárias, na iluminação, melhor localização no espaço para efetuar a troca com o parceiro da atividade, fazer uso de retorno auditivo, entre outros detalhes que são percebidos pelos profissionais capacitados e experientes na área artística.

É possível encontrar um rol de informações que esclarecem sobre as normativas na atuação dos TILS para a acessibilidade e prestação de serviços no contexto audiovisual com uso da janela de Libras, através da Norma Brasileira de Acessibilidade - NBR15599, a qual define:

7.1.1.2 O intérprete de LIBRAS deve estar posicionado em local de destaque que permita a ele movimentar-se com segurança, ser visto e ver o público, ouvir e ver o que está sendo apresentado.

7.1.1.3 A boa visualização dos sinais feitos pelo intérprete de LIBRAS é garantida através de: a) vestes contrastantes com o fundo e com a pele; b) posicionamento e iluminação que permitam que o intérprete seja visto pelo público (ABNT, 2008, p. 25).

⁵ Semântica é o estudo do significado da palavra e da sentença. Trata da natureza, da função e do uso dos significados ou pressupostos. [...] agrupamento das palavras nas sentenças, que pode apresentar variações regionais e sociais nos diferentes dialetos de uma língua; Sintaxe é



Essa norma é um valioso documento que aborda questões imprescindíveis na atuação dos TILSs, além de mencionar questões éticas, que devem ser observadas durante a execução do trabalho e os requisitos necessários para contratação desse profissional.

Quanto maior o número de espaços com acessibilidade através da presença dos TILSs maior o número de surdos acessando as informações e serviços. É importante saber que é de responsabilidade dos poderes públicos ofertarem acessibilidade em todos os ambientes, e que embora existam lutas da comunidade surda para que isso seja efetivado a nossa realidade mostra que ainda não desfrutamos de uma sociedade acessível a todos.

Mudanças estruturais na busca da inclusão aos surdos nos espaços artístico-culturais.

Nas duas últimas décadas do presente século, os espaços artístico-culturais do Brasil vêm sofrendo mudanças nas estruturas físicas e filosóficas das organizações de exposições, serviços e produtos, isto porque as discussões em torno dos direitos das pessoas com deficiências e surdas vêm se tornando cada vez mais frequentes, por conta das leis vigentes, da presença dessas pessoas nas escolas regulares e mais ainda em espaços comuns da sociedade, como igrejas, restaurantes, bares, atividades culturais, entre outras.

Coutinho (2009) apresenta a década de 1990 como um marco no aumento de frequentadores dos espaços artístico-culturais, especificamente nos museus, com a perspectiva de espetáculo de massa ou espetacularização da arte. A autora sinaliza a necessidade de modificações no acesso e na fruição desses espaços pelo novo público que começa a aparecer, impulsionado pelo ensino da arte como disciplina nas escolas, parcerias de instituições privadas com escolas, participação das pessoas deficientes e surdas nas escolas, despertar do desejo de fazer parte desse ambiente de maneira profissional, implantações de leis e decretos, entre outros. A autora sinaliza que:

A partir da década de 1990, um grande fluxo de público passa a frequentar os museus e espaços culturais, impulsionando a demanda de recepção. A espetacularização da arte no Brasil, com ajuda do marketing das megaexposições, passa a trazer multidões para esses espaços, fruto de um movimento sociocultural mais amplo com sotaque



globalizado que tem como bandeira a “democratização do acesso aos bens culturais” por uma parcela maior de público leigo [...] toda essa efervescência cultural produz modificações nos espaços de circulação e recepção, assim como nos espaços de produção da arte. Como consequência, surge a necessidade de se educar um grande público de “fruidores” (COUTINHO, 2009, p.172-173).

Logo, indagarmos de que maneira tem se dado as organizações dos espaços artístico-culturais para receber todos os seres humanos? A resposta a essa reflexão pode ser vista em documentos oficiais, como é o caso da Declaração Internacional de Direitos Humanos (1948), no artigo 27, que fala explicitamente sobre a garantia do direito de acesso a cultura enquanto um direito do cidadão, afirmando que: “Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios.” Isso significa que todos os seres humanos, independente da sua condição social, física, origem, gênero ou credo têm o direito de usufruir das manifestações, produtos e serviços artístico-culturais. Neste sentido promover a acessibilidade em tais espaços significa garantia de direito e de formação cultural que, por tanto tempo, foi negligenciada, pois eram espaços acessados apenas pela elite, porém, essa realidade vem sendo modificada a partir das parcerias entre escola e instituições de artes.

Importante salientar que as adequações sugeridas pelo conceito de acessibilidade não são de uso exclusivo das pessoas com deficiência ou surdas, mas aproveitadas por todas as pessoas, já que os resultados das adequações nos espaços e nos serviços tornam-se positivos para toda sociedade. Um exemplo visível é a instalação de rampas, que além de possibilitar o acesso das pessoas que usam cadeiras de rodas, facilita o deslocamento dos idosos, pessoas que momentaneamente sofreram um acidente e não podem subir escadas, gestantes, adultos com carrinhos de bebês, transportes de materiais em carrinhos de compras, entre outros motivos.

Na acessibilidade comunicacional, no uso da Libras, podemos destacar que os surdos e os ouvintes bilíngues, em espaços barulhentos preferem acompanhar as comunicações na língua de sinais em detrimento das línguas orais. Podemos citar ainda como exemplo a interação de pessoas utilizando a Libras, mesmo em uma grande distância, a comunicação é limpa e eficaz e podendo evitar os gritos que são utilizados pelos ouvintes não falantes da Libras, caso



estejam nesta mesma situação. Sendo assim, essas soluções são de uso comum a todos e não somente a um grupo. Sobre essa questão, Farias (2020, p. 131) sinaliza para as reflexões em torno do usufruto da acessibilidade para todos:

Na atualidade, (séc. XXI), há necessidade de que toda produção humana seja para todas as pessoas. Significa promover a acessibilidade a partir de uma seriedade intrínseca, respeitando a maneira como cada vida humana é vivida, com a consideração de importância equivalente para todas. [...]

Isso implica, por exemplo, que o áudio livro ou os leitores de tela, não sejam usufruídos apenas pelo cego, ou que a pessoa precisa ser surda para acessar o conhecimento disponibilizado através da língua de sinais. Ou ainda que as rampas sejam somente para quem tem mobilidade reduzida ou usa cadeira de rodas. Todavia, ao buscar alcançar uma produção cultural humana, a mesma seja disponibilizada numa variedade de formatos e, cada um, diante da sua competência acesse. (FARIAS, 2020, p. 131).

Essas reflexões nos levam ao caminho da eliminação de todo tipo de barreiras, sejam elas de cunho arquitetônico, estrutural, metodológico e principalmente a barreira atitudinal, como é destacado por Sasaki (2009). E que foi seguido pela Festa Literária Internacional do Pelourinho no ano de 2018, quando inicia a ofertas de acessibilidades às pessoas surdas e cegas.

FLIPELÔ e as proposições dos surdos para acessibilidade nas artes.

Segundo a Revista *Museus Cultura Levada a Sério*, a Festa Literária Internacional do Pelourinho inicia-se em agosto de 2017, no Centro Histórico de Salvador, em que “ruas e espaços culturais foram ocupados por mesas de debates, lançamentos de livros, oficinas literárias, saraus, apresentações teatrais, exibição de vídeos, shows musicais”.

No ano seguinte, foi montada uma equipe de intérpretes de Libras para acessibilidade linguística aos surdos e de audiodescritores, para acessibilidade aos cegos e ouvintes que desejassem experimentar essa outra forma de experienciar a arte. A partir daí, todas as edições contam com a presença desses profissionais.

A coordenadora da FLIPELÔ destaca que grandes eventos, recebe verbas federais para serem utilizadas também para a acessibilidade em que prevê o acesso de todas as pessoas à cultura. E que dessa forma, deve-se planejar os



serviços de acessibilidade na promoção da formação de todas as pessoas que usufruem das vivências com as artes.

A FLIPELÔ oferece serviços de interpretação na Libras nos seus mais variados espaços artístico-culturais, para que o sujeito surdo, tenha o direito de escolha e participar, ou não, da vida cultural da sua cidade.

Dessa forma, os sujeitos surdos levantaram algumas afirmações a respeito dos trabalhos de acessibilidade nos espaços da FLIPELÔ que contribuem na formação da pessoa surda. Sendo eles:

Afirmam perceber que o trabalho dos TILSs nos espaços artístico-culturais é imprescindível para a presença, participação e formação das pessoas surdas; concordam que a cada edição os locais têm recebido mais intérpretes de Libras, possibilitando que os surdos participem de mais variedades de atividades artísticas; que os profissionais da Libras contribuem na conscientização de toda equipe atuante na FLIPELÔ, em relação aos direitos de acessibilidades; deve ser promovida a participação de pessoas surdas como protagonistas nas atividades da FLIPELÔ; consultor surdo integrando a equipe de planejamento e execução, entre outras ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de podermos apontar a FLIPELÔ como boa experiência com acessibilidade ao público surdo, falante da Libras, ainda estamos longe de ser e ter o modelo ideal para as acessibilidades. Aqui falamos apenas dos surdos, porém ainda muitos grupos ficam de fora de ter acesso aos espaços culturais por falta de acessibilidades. Percebemos que apesar da grande gama de leis e documentos que embasam as lutas por seus direitos, o Brasil ainda está longe de ser um país de igualdades de oportunidades. E por isso mesmo precisa que mais pesquisadores debruçem sobre temáticas tão relevantes, quanto essa, a fim de contribuir na qualidade de vida de pessoas que necessitam de acessibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, K. R. **A (IN)ACESSIBILIDADE ARTÍSTICO-CULTURAL PARA SURDOS NA CIDADE DE CAMPO GRANDE – MS**. Local de Publicação: Editora: Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2021.



ARAÚJO, T. C. S. **O trabalho do intérprete de língua brasileira de sinais em escolas inclusivas: possibilidades e desafios.** Editora: Universidade Federal do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

COUTINHO, R. G. **Artes, coleção temas de formação.** São Paulo: Editora Universidade do Estado de São Paulo- UNESP, 2009.

FARIAS, S. R. R. **Acessibilidade em contextos culturais.** Paraíba, Ed. Realiza, 2020.

MAGALHAES E. JR. **Sua majestade, o intérprete – o fascinante mundo da tradução simultânea.** Parábola Editorial , São. Paulo, SP, 2007.

MIRANDA, Claudia. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Educação Especial Para a Construção de Currículos Inclusivos. Curitiba: SEED, ano.2003.

MOURA, M. C. **O surdo-** Caminhos para construção de uma nova identidade. Editora Revinter, São Paulo, 2000.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. **Surdos:** o narrar e a política. In. Estudos Surdos – Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos, n. 5, UFSC/ NUP/ CED, Florianópolis, 2003.

RIBEIRO, Djamilé . **O que É Lugar de Fala?.** Belo Horizonte- MG: Editora Letramento, 2017.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira** - Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem:** aspectos e implicações neurolinguísticas. Editora Plexus, São Paulo, 2007.

SASSAKI, R. K. **Inclusão:** acessibilidade no lazer, trabalho e educação. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SECULTBA. **Salvador recebe primeira Festa Literária do Pelourinho em Agosto.** Revista Museu cultura levada a sério, Salvador/ Ba, junho 2017. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/3048-26-06-2017-salvador-recebe-primeira-festa-literaria-do-pelourinho-em-agosto.html>. Acessado em 18 jul. 2023.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Ed. Mediação, 2001



SKLIAR, Carlos. **Bilinguismo e biculturalismo**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.

SOLUÇÕES, Simples. Associação Brasileira de Normas Técnica - ABNT. Treinamento de normas técnicas. Disponível em: ABNT NBR ISO 9001 2008 para treinamento. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=ABNT+2008&oq=ABNT+2008&aqs=chrome.69i57j0i22i30l3.5404j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>.

Acesso em: 17 jul. 2023